

Reabilitação neuropsicológica e mediação: da mesa para a vida real na construção de intervenções centradas no sujeito

Neuropsychological rehabilitation and mediation: from the desk to real life in building subject-centered interventions

Rehabilitación neuropsicológica y mediación: de la mesa a la vida real en la construcción de intervenciones centradas en el sujeto



Murillo Ribeiro Moreira de Lima

1. Psicologia, Especialista em Psicologia Escolar e Neuropsicologia. Mestre pela Universidade do Minho (Portugal).

E-mail: murillolimapsi@gmail.com

ABSTRACT: This study is situated within the field of contemporary neuropsychological rehabilitation, drawing from the context of current clinical practice, in which a recurring gap is observed between gains achieved in structured cognitive training tasks in clinical settings and their transfer to real-life everyday situations. The research problem consisted of investigating to what extent the exclusive use of structured materials and mechanical training of isolated cognitive functions are sufficient to promote generalization of learning and functional improvement in children and adults undergoing neuropsychological rehabilitation. The initial hypothesis held that subject-centered

interventions, grounded in the cultural-historical perspective, with emphasis on mediation, contextualization, and joint construction of meanings, present greater generalization potential than decontextualized and standardized approaches. The general objective was to critically analyze the theoretical and methodological foundations of subject-centered rehabilitation, articulating cultural-historical contributions and contemporary functionality-oriented models. A qualitative, analytical-critical bibliographic research was conducted, with selection and comparison of classical and recent literature. The results indicate consistent limitations in functional transfer within mechanistic models and greater theoretical-

methodological coherence in approaches based on goals, compensatory strategies, and mediation. It was concluded that generalization depends on the alignment between tasks, contexts, and meaningful goals, requiring personalized and mediated interventions.

Keywords:

Neuropsychological Rehabilitation. Mediation. Generalization. Functionality. Cultural-Historical Perspective.

RESUMO: Este estudo insere-se no campo da reabilitação neuropsicológica contemporânea, a partir do contexto da prática clínica atual, em que se observa uma lacuna recorrente entre os ganhos obtidos em tarefas estruturadas de treino cognitivo em consultório e a sua transferência para situações reais da vida cotidiana. O problema de pesquisa consistiu em investigar em que medida o uso exclusivo de materiais estruturados e o treino mecânico de funções cognitivas isoladas são suficientes para promover generalização das aprendizagens e melhoria funcional em crianças e adultos em reabilitação neuropsicológica. A hipótese inicial sustentou que intervenções centradas no sujeito, fundamentadas na perspectiva histórico-cultural, com ênfase na mediação, contextualização e construção conjunta de significados, apresentam maior potencial de generalização do que abordagens descontextualizadas e padronizadas. O objetivo geral foi analisar criticamente fundamentos teóricos e metodológicos da reabilitação centrada no sujeito, articulando contribuições histórico-culturais e modelos contemporâneos orientados por funcionalidade. Realizou-se pesquisa bibliográfica qualitativa e analítico-crítica, com seleção e comparação de literatura clássica e recente. Os resultados indicam

limitações consistentes na transferência funcional em modelos mecanicistas e maior coerência teórico-metodológica em abordagens baseadas em metas, estratégias compensatórias e mediação. Concluiu-se que a generalização depende do alinhamento entre tarefas, contextos e metas significativas, exigindo intervenções personalizadas e mediadas.

Palavras-chaves: Reabilitação Neuropsicológica. Mediação. Generalização. Funcionalidade. Perspectiva Histórico-Cultural.

RESUMEN:

Este estudio se inserta en el campo de la rehabilitación neuropsicológica contemporánea, a partir del contexto de la práctica clínica actual, en el que se observa una brecha recurrente entre los logros obtenidos en tareas estructuradas de entrenamiento cognitivo en consultorio y su transferencia a situaciones reales de la vida cotidiana. El problema de investigación consistió en indagar en qué medida el uso exclusivo de materiales estructurados y el entrenamiento mecánico de funciones cognitivas aisladas son suficientes para promover la generalización de los aprendizajes y la mejora funcional en niños y adultos en rehabilitación neuropsicológica. La hipótesis

inicial sostuvo que las intervenciones centradas en el sujeto, fundamentadas en la perspectiva histórico-cultural, con énfasis en la mediación, la contextualización y la construcción conjunta de significados, presentan mayor potencial de generalización que los enfoques descontextualizados y estandarizados. El objetivo general fue analizar críticamente los fundamentos teóricos y metodológicos de la rehabilitación centrada en el sujeto, articulando contribuciones histórico-culturales y modelos contemporáneos orientados por la funcionalidad. Se realizó una investigación bibliográfica cualitativa y analítico-crítica, con selección y comparación de literatura clásica y reciente. Los resultados indican limitaciones consistentes en la transferencia funcional en modelos mecanicistas y mayor coherencia teórico-metodológica en enfoques basados en metas, estrategias compensatorias y mediación. Se concluyó que la generalización depende del alineamiento entre tareas, contextos y metas significativas, requiriendo intervenciones personalizadas y mediadas.

Palabras clave:
Rehabilitación Neuropsicológica.
Mediación. Generalización.
Funcionalidad. Perspectiva
Histórico-Cultural.

Recebido em: 25/02/2026

Aprovado em: 20/03/2026

Introdução

A reabilitação neuropsicológica contemporânea constitui um campo de conhecimento e prática clínica que transcende a mera restauração de funções cognitivas isoladas, configurando-se como um processo complexo que visa capacitar pessoas com dificuldades cognitivas, emocionais ou comportamentais decorrentes de lesões cerebrais a alcançarem seu potencial máximo nos domínios psicológico, social, vocacional e do funcionamento cotidiano (WILSON, 2013:3–5; BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:12–15). Nas últimas décadas, esse campo tem sido profundamente transformado por questionamentos teóricos e metodológicos que colocam em xeque abordagens tradicionais centradas exclusivamente no treino repetitivo de funções cognitivas, desconectado das demandas reais da vida dos sujeitos (WILSON; BAIRD, 2022:214–217; SIMONS et al., 2022:2–4). A crescente preocupação com a funcionalidade, a generalização das aprendizagens e a participação ativa do indivíduo em seu próprio processo de recuperação tem impulsionado o desenvolvimento de modelos de intervenção que privilegiam a construção conjunta de significados, a mediação e a contextualização das práticas terapêuticas (OWNWORTH et al., 2021:5–7; JOHANSSON; BERGLUND, 2018:4–6). As demandas por reabilitação neuropsicológica emergem em contextos clínicos cada vez mais diversificados, abrangendo crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, dificuldades de aprendizagem e lesões cerebrais adquiridas, bem como adultos acometidos por acidentes vasculares cerebrais, traumatismos craniocéfalos, doenças neurodegenerativas e outras condições que comprometem o funcionamento cerebral (SILVA; ALMEIDA, 2020:2–4; ANDERSON et al., 2019:3–6)

As mudanças sociais contemporâneas, caracterizadas pela complexificação das exigências escolares e profissionais, pela aceleração dos ritmos de vida e pelo aumento da longevidade populacional, têm ampliado significativamente a procura por serviços de reabilitação cognitiva (RODRIGUES; FERREIRA, 2022:5–7; GOMES; SANTOS, 2018:3–5). No âmbito infantil, as crescentes demandas educacionais e a maior sensibilidade diagnóstica para condições como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, os transtornos específicos de aprendizagem e o Transtorno do Espectro Autista intensificaram a necessidade de intervenções neuropsicológicas que promovam não apenas ganhos em tarefas estruturadas, mas sobretudo a transferência dessas habilidades para o contexto escolar, familiar e social (SILVA; ALMEIDA, 2020:6–8). Entre adultos, a sobrevivência cada vez maior a eventos neurológicos agudos e o envelhecimento populacional colocam desafios inéditos para profissionais que buscam auxiliar seus pacientes a retomarem atividades significativas e a reconquistarem autonomia em suas vidas cotidianas (WILSON, 2013:6–8; RODRIGUES; FERREIRA, 2022:8–10).

O interesse pelo tema aqui abordado emerge diretamente da prática clínica no campo da reabilitação neuropsicológica, onde se observa cotidianamente uma lacuna entre os ganhos obtidos em atividades de treino cognitivo realizadas em consultório e a efetiva transferência dessas aquisições para situações reais

da vida do paciente (SIMONS et al., 2022:4–6; WILSON; BAIRD, 2022:217–219). A experiência clínica revela que muitos indivíduos demonstram melhoras significativas em tarefas estruturadas de memória, atenção ou funções executivas durante as sessões de reabilitação, porém encontram dificuldades persistentes para aplicar essas habilidades em contextos naturais, como organizar sua rotina doméstica, acompanhar conversas sociais ou desempenhar funções laborais (SILVA; ALMEIDA, 2020:8–10). Essa constatação suscita questionamentos fundamentais sobre os modelos teóricos que sustentam as práticas de intervenção e sobre a adequação de abordagens que priorizam exercícios descontextualizados em detrimento de estratégias funcionais e ecologicamente válidas (WILSON; BAIRD, 2022:219–221; SIMONS et al., 2022:6–8). Diante desse cenário, emerge o seguinte problema de pesquisa: em que medida o uso exclusivo de materiais estruturados e o treino mecânico de funções cognitivas isoladas são suficientes para promover a generalização das aprendizagens e a efetiva melhoria funcional na vida cotidiana de crianças e adultos em processo de reabilitação neuropsicológica? Esta questão assume relevância crítica quando se considera que pesquisas recentes têm demonstrado resultados inconsistentes quanto à transferência de ganhos obtidos em programas de treino cognitivo computadorizado para tarefas não treinadas e para atividades da vida diária (WILSON; BAIRD, 2022:221–223; ZHANG et al., 2022:5–7).

Conforme apontam estudos de revisão sistemática, o treino cognitivo quase certamente falhará em se transferir se o treino oferecido não corresponder às necessidades específicas do indivíduo (SIMONS et al., 2022:7), evidenciando a insuficiência de abordagens padronizadas que desconsideram a singularidade de cada sujeito e seu contexto de vida.

A importância científica e prática deste problema fundamenta-se em múltiplas perspectivas teóricas que convergem para a compreensão de que a reabilitação neuropsicológica efetiva deve transcender o modelo restaurativo de treino de déficits específicos. Barbara Wilson, uma das principais referências internacionais no campo, define a reabilitação neuropsicológica como um processo que não é sinônimo de recuperação, nem de tratamento, mas constitui um processo interativo de mão dupla com equipe profissional e outros que visam remediar ou aliviar dificuldades, adotando uma abordagem holística na qual cognição, emoção e problemas psicossociais são tratados conjuntamente (WILSON, 2013:4–6). Esta concepção implica o reconhecimento de que o retorno ao funcionamento normal é altamente improvável na maioria dos casos, cabendo à reabilitação encontrar maneiras de ajudar as pessoas a aprenderem mais eficientemente, compensarem suas dificuldades e, quando necessário, modificarem o ambiente (WILSON, 2013:6–8; WILSON; BAIRD, 2022:218–220). A abordagem baseada em metas funcionais, defendida por Wilson e colaboradores, preconiza que os objetivos da reabilitação devem ser definidos a partir das dificuldades reais vivenciadas pelo paciente em seu cotidiano, e não exclusivamente a partir dos déficits identificados em testes neuropsicológicos (TATE et al., 2014:2–4; OWNWORTH et al., 2021:6–8).

Na tradição histórico-cultural inaugurada por Lev Vygotsky, Alexander Luria e Alexei Leontiev, encontram-se fundamentos teóricos complementares para a compreensão da reabilitação como processo mediado e contextualizado. Vygotsky desenvolveu o conceito de mediação semiótica para explicar como as funções psicológicas superiores — atenção voluntária, memória lógica, pensamento conceitual — são formadas através da interação social mediada por signos e instrumentos culturalmente produzidos (OLIVEIRA, 2012:3–6; MORAES; SILVA, 2019:4–7). Conforme destaca a teoria histórico-cultural, as Funções Psicológicas Superiores não são inatas, mas emergem gradualmente conforme a criança interage com o meio social (MORAES; SILVA, 2019:5), processo no qual a mediação cultural desempenha papel essencial para a formação de habilidades cognitivas mais complexas. A noção de zona de desenvolvimento proximal, central na obra vygotskiana, oferece um arcabouço conceitual valioso para pensar a intervenção neuropsicológica como construção conjunta entre terapeuta e paciente, na qual o apoio graduado possibilita a passagem de capacidades potenciais para realizações efetivas (COSTA; PEREIRA, 2018:3–5). Alexander Luria, por sua vez, desenvolveu a concepção de sistemas funcionais cerebrais, segundo a qual as funções psicológicas não estão localizadas em áreas cerebrais circunscritas, mas constituem sistemas funcionais que não estão localizados em áreas estreitas e circunscritas do cérebro, mas ocorrem entre grupos de estruturas cerebrais que trabalham concertadamente, cada uma das quais contribui particularmente para a organização do sistema funcional (KRYLOV et al., 2015:2–4; AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:3–5). Esta perspectiva sistêmica e dinâmica fundamenta uma abordagem de reabilitação que não se limita ao treino de operações isoladas, mas busca reorganizar os sistemas funcionais através de vias alternativas (AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:5–7; ZAKHAROVA, 2020:4–6). Conforme argumentam autores contemporâneos que aplicam a metodologia luriana, procedimentos de diagnóstico funcional sistêmico devem conduzir a procedimentos sistêmicos de reabilitação (AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:6), superando a fragmentação característica de intervenções direcionadas a funções cognitivas específicas desconectadas de seu contexto de ação. Do ponto de vista comparativo, os modelos tradicionais de treino cognitivo fundamentam-se predominantemente em uma lógica restaurativa que pressupõe a possibilidade de recuperar o funcionamento pré-mórbido através da exercitação repetitiva de habilidades deficitárias (WILSON; BAIRD, 2022:214–216; VINOGRADOV; FISHER, 2011:3–5). Estudos de metanálise têm demonstrado que, embora esses programas frequentemente produzam melhorias nas tarefas treinadas, a generalização para tarefas não treinadas e para atividades da vida diária permanece limitada (WU et al., 2023:5–7). Em contrapartida, a abordagem baseada em estratégias compensatórias, amplamente defendida por Wilson e colaboradores, reconhece as limitações intrínsecas da restauração funcional e prioriza o ensino de métodos alternativos para contornar as dificuldades cognitivas no cotidiano (WILSON; BAIRD, 2022:218–220; CLARE; JONES, 2012:4–6). O uso de auxílios externos de memória, a aprendizagem sem erros e as técnicas de recuperação espaçada exemplificam estratégias compensatórias que têm demonstrado eficácia na aquisição de conhecimentos específicos relevantes para a vida diária, ainda que também apresentem desafios quanto à generalização

ampla (CLARE; JONES, 2012:6–8; WILSON; BAIRD, 2022:220–222).

A perspectiva holística de reabilitação neuropsicológica, desenvolvida a partir dos trabalhos pioneiros de Goldstein, Zangwill e Luria e sistematizada contemporaneamente por autores como Ben-Yishay, Prigatano e Wilson, representa uma síntese integradora que aborda conjuntamente as dimensões cognitivas, emocionais e psicossociais do funcionamento do indivíduo (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:10–13; KAWASHIMA et al., 2020:3–5). Esta abordagem enfatiza que a reabilitação neuropsicológica holística se tornou mais difundida devido às melhorias no bem-estar psicossocial (WILSON; BAIRD, 2022:222–223), embora demande recursos consideráveis e formação especializada dos profissionais. O modelo holístico converge com a perspectiva histórico-cultural ao reconhecer a indissociabilidade entre cognição, afetividade e participação social, bem como ao valorizar a construção de significados pessoais e a recuperação de um senso de identidade e propósito após a lesão cerebral (OWNWORTH et al., 2021:7–9; KAWASHIMA et al., 2020:5–7). No que concerne à motivação e ao engajamento do sujeito no processo de reabilitação, pesquisas recentes têm demonstrado que a participação ativa do paciente na definição de metas funcionais significativas constitui fator determinante para a eficácia das intervenções (OWNWORTH et al., 2021:8–10; JOHANSSON; BERGLUND, 2018:6–8). Estudos qualitativos com participantes de programas de reabilitação neuropsicológica holística revelam que os participantes descreveram níveis aumentados de autoestima, senso de competência e adaptação como os resultados mais importantes do programa, pois esses fatores os ajudaram a recuperar um senso de identidade (OWNWORTH et al., 2021:9). A metacognição, compreendida como a capacidade de monitorar e regular os próprios processos cognitivos, emerge como componente fundamental tanto para a generalização das estratégias aprendidas quanto para o manejo autônomo das dificuldades no cotidiano (TAL; KAPLAN, 2019:2–4; JOHANSSON; BERGLUND, 2018:7–9).

Conforme destaca a literatura, abordagens metacognitivas visam melhorar a autoavaliação realista dos pacientes, facilitando a adoção de comportamentos de auto-segurança e estratégias compensatórias (TAL; KAPLAN, 2019:4), o que implica necessariamente um processo de construção conjunta entre terapeuta e paciente. Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar criticamente os fundamentos teóricos e metodológicos da reabilitação neuropsicológica centrada no sujeito, investigando as contribuições da perspectiva histórico-cultural e dos modelos contemporâneos baseados em funcionalidade para a construção de intervenções que promovam a transferência das aprendizagens da situação clínica estruturada para a vida real de crianças e adultos. Como objetivos específicos, pretende-se: examinar as limitações dos modelos tradicionais de treino cognitivo quanto à generalização e funcionalidade; analisar os princípios da mediação e da zona de desenvolvimento proximal propostos por Vygotsky e suas implicações para a prática reabilitadora; identificar convergências e divergências entre a abordagem neuropsicológica de Luria e os modelos holísticos contemporâneos de reabilitação; discutir o

papel da contextualização, da personalização e do engajamento do sujeito na eficácia das intervenções neuropsicológicas; propor diretrizes para a construção de intervenções que articulem a dimensão técnica do treino cognitivo com a dimensão existencial da recuperação funcional e da qualidade de vida. A hipótese inicial que orienta esta investigação sustenta que intervenções neuropsicológicas fundamentadas na perspectiva histórico-cultural, que privilegiam a mediação semiótica, a construção conjunta de significados, a contextualização das atividades e o protagonismo do sujeito, apresentam maior potencial para promover a generalização das aprendizagens e a efetiva melhoria funcional na vida cotidiana do que abordagens tradicionais centradas exclusivamente no treino mecânico e descontextualizado de funções cognitivas isoladas. Esta suposição encontra respaldo tanto na literatura internacional sobre reabilitação neuropsicológica baseada em evidências quanto nos fundamentos teóricos da psicologia histórico-cultural, que convergem ao enfatizar a natureza social, mediada e contextualizada dos processos cognitivos humanos e de seu desenvolvimento (WILSON, 2013:3–5; AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:6–7).

Método

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter analítico-crítico, fundamentada na revisão, seleção e articulação de conceitos teóricos produzidos nas áreas da reabilitação neuropsicológica, psicologia histórico-cultural e neuropsicologia contemporânea. A adoção deste método é coerente com o propósito da investigação, uma vez que a pesquisa bibliográfica permite identificar, organizar e interpretar contribuições teóricas relevantes para a compreensão e problematização de um objeto de estudo, conforme enfatiza Marconi e Lakatos (2003: 37). Nesse sentido, o método possibilita analisar modelos de intervenção, compará-los e discutir suas implicações clínicas no trabalho com crianças e adultos em processo de reabilitação cognitiva.

A construção do corpus teórico envolveu a consulta a artigos científicos, revisões sistemáticas, capítulos de livros, estudos qualitativos e textos clássicos que abordam tanto os modelos tradicionais de treino cognitivo quanto as abordagens baseadas em estratégias, mediação e funcionalidade. Foram priorizados autores que discutem a reabilitação neuropsicológica em uma perspectiva integrada — incluindo Barbara Wilson e colaboradores — bem como produções oriundas da psicologia histórico-cultural, especialmente de Lev Vygotsky, Alexander Luria e Alexei Leontiev. A seleção das fontes buscou contemplar três eixos de análise:

- a) fundamentos e limites das abordagens restaurativas e mecanicistas;
- b) contribuições dos modelos estratégicos, holísticos e orientados por metas funcionais;
- c) princípios histórico-culturais relativos à mediação, ao contexto e à formação das funções psicológicas superiores.

Os materiais foram escolhidos com base em critérios de relevância teórica, atualidade (quando pertinente), rigor metodológico e pertinência direta ao problema de pesquisa. Não se estabeleceu um recorte temporal rígido, visto que o objetivo da investigação inclui tanto a compreensão da gênese dos conceitos discutidos quanto o diálogo com estudos contemporâneos que atualizam e aprofundam tais perspectivas. As fontes foram obtidas em bases acadêmicas digitais, periódicos especializados, bibliotecas universitárias e acervos científicos.

A análise do material coletado foi conduzida por meio de uma estratégia comparativa, voltada para a identificação de convergências, divergências e complementaridades entre os autores e modelos teóricos selecionados. Esse procedimento permitiu examinar criticamente os pressupostos, alcances e limitações de cada abordagem, bem como clarificar como princípios da psicologia histórico-cultural podem orientar a construção de intervenções centradas no sujeito, mediadas e contextualizadas. Paralelamente, buscou-se relacionar os diferentes referenciais teóricos ao contexto concreto da prática clínica, especialmente no que se refere à transferência das aprendizagens, ao engajamento do sujeito e à generalização funcional das estratégias desenvolvidas.

A adoção desse método bibliográfico crítico mostrou-se adequada ao propósito do estudo por possibilitar uma análise abrangente da complexidade da reabilitação neuropsicológica, para além de procedimentos técnicos específicos. Tal abordagem evidencia a necessidade de articular dimensões cognitivas, afetivas, socioculturais e funcionais no processo de intervenção, favorecendo uma compreensão integrada e teoricamente fundamentada do fenômeno investigado.

Discussão

Modelos tradicionais de reabilitação cognitiva

A reabilitação neuropsicológica consolidou-se como prática sistemática no século XX, particularmente impulsionada pelos esforços de reabilitação de soldados com lesões cerebrais decorrentes de conflitos internacionais (WILSON, 2013:2–4). Essa trajetória marca a transição de uma compreensão fragmentada do impacto da lesão cerebral para abordagens estruturadas de restauração funcional (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:9–11). Os modelos tradicionais baseavam-se, fundamentalmente, em pressupostos de restauração ou compensação de funções cognitivas específicas, operacionalizados através de tarefas mecanicamente repetidas e isoladas do contexto de vida do indivíduo (WILSON; BAIRD, 2022:214–216; VINOGRADOV; FISHER, 2011:3–5).

Esses modelos herdaram uma visão compartimentalizada da cognição, na qual funções como memória, atenção e linguagem eram tratadas como entidades discretas, passíveis de reabilitação através de exercícios direcionados (WILSON; BAIRD, 2022:215–217). O pressuposto subjacente era que o treino

repetitivo de um domínio cognitivo específico resultaria em melhora funcional nos contextos onde aquela função era necessária (SIMONS et al., 2022:2–4). Essa lógica, embora intuitivamente atraente, não interrogava os mecanismos que promoveriam a transferência entre a tarefa de treino e as situações reais de vida (SIMONS et al., 2022:4–6).

Além disso, os modelos tradicionais frequentemente ignoravam aspectos emocionais, motivacionais e sociais da recuperação, reduzindo o processo reabilitativo a um conjunto de intervenções tecnicistas (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:12–14). O indivíduo com lesão cerebral era posicionado como um receptáculo de procedimentos padronizados, sem consideração para com suas particularidades existenciais, seus objetivos pessoais ou seus processos de significação (OWNWORTH et al., 2021:5–7).

Limitações das abordagens mecanicistas e padronizadas

Pesquisas contemporâneas revelam lacunas substanciais nas abordagens mecanicistas de reabilitação cognitiva (SIMONS et al., 2022:1–3). Um dos principais problemas refere-se à falta de transferência dos ganhos de treino para contextos funcionais reais – fenômeno conhecido como ausência de “far transfer” (SIMONS et al., 2022:5–7). Ainda que estudos documentem melhorias específicas na tarefa treinada (“near transfer”), esses ganhos raramente se traduzem em melhora de sintomas ou funcionamento na vida cotidiana (ZHANG et al., 2022:4–6; WU et al., 2023:5–7). Essa dissociação sugere que o treino cognitivo isolado não produz os efeitos generalizadores esperados (SIMONS et al., 2022:6–8).

As razões para essa limitação são multifacetadas. Primeiramente, os programas de treino tradicionais encontram-se frequentemente desvinculados do contexto temporal e situacional onde as funções cognitivas devem operar (SIMONS et al., 2022:7–9). Um indivíduo pode melhorar seu desempenho em uma tarefa computadorizada de memória de trabalho durante uma sessão de treino, mas essa melhoria não se estende automaticamente para situações onde aquela função é necessária – muitas horas ou dias depois, em contextos radicalmente diferentes (ZHANG et al., 2022:5–7). Esse distanciamento temporal e contextual compromete a probabilidade de que o aprendizado em laboratório se conecte com as demandas reais enfrentadas pelo sujeito (SIMONS et al., 2022:8–10).

Adicionalmente, as abordagens padronizadas assumem homogeneidade de necessidades e capacidades entre indivíduos, ignorando variabilidades intraindividuais significativas (WILSON; BAIRD, 2022:217–219). O funcionamento cognitivo não é estático; flutua conforme estados afetivos, contextos sociais, níveis de fadiga e motivação (OWNWORTH et al., 2021:6–8). Um programa de treino genérico, aplicado uniformemente, raramente corresponde às necessidades dinâmicas de cada pessoa (SIMONS et al., 2022:9–11). Essa padronização viola o princípio fundamental de que a reabilitação deve ser personalizada ao indivíduo, não o indivíduo adaptado ao programa (TATE et al., 2014:2–4).

Modelos contemporâneos: metas, funcionalidade e abordagem holística

Os avanços teóricos e empíricos das últimas duas décadas sinalizam um deslocamento paradigmático em direção a modelos contemporâneos que priorizam a funcionalidade e a orientação por metas (TATE et al., 2014:1–3; OWNWORTH et al., 2021:6–8). Diferentemente dos modelos tradicionais, as práticas holísticas entendem a reabilitação como um processo contínuo de reconstrução do sujeito em sua totalidade, integrando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e existenciais (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:13–15; KAWASHIMA et al., 2020:3–5).

Um elemento central desse reposicionamento é o reconhecimento de que objetivos específicos e significativos para o indivíduo devem estruturar a avaliação e a intervenção neuropsicológica (TATE et al., 2014:3–5). Em vez de administrar baterias padronizadas e prescrever exercícios genéricos, modelos contemporâneos enfatizam o “goal planning” – a construção colaborativa de metas funcionais que refletem os valores e aspirações do sujeito (TATE et al., 2014:4–6). Essa abordagem não apenas aumenta a relevância motivacional da reabilitação, como também facilita a generalização, pois o treino ocorre em contextos semanticamente próximos aos objetivos reais (OWNWORTH et al., 2021:7–9).

A abordagem holística reconhece ainda que a cognição não existe em isolamento (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:14–16). Ela está entrelaçada com emoção, identidade pessoal, relacionamentos sociais e sentido de propósito (KAWASHIMA et al., 2020:5–7). Reabilitação holística, portanto, não se restringe a “corrigir” funções cognitivas; ela visa restaurar ou reconstruir o “self” – a experiência de si mesmo como agente ativo e significativo no mundo (KAWASHIMA et al., 2020:6–8; OWNWORTH et al., 2021:8–10). Essa perspectiva ampliada coloca no centro da intervenção questões sobre quem o sujeito era antes da lesão, quem ele deseja ser, e como sua reabilitação cognitiva contribui para essa trajetória existencial (OWNWORTH et al., 2021:9–11).

Abordagens estratégicas e compensatórias

Entre as estratégias contemporâneas de reabilitação, destacam-se as abordagens estratégicas e compensatórias, que diferem fundamentalmente do paradigma restaurativo tradicional (WILSON; BAIRD, 2022:218–220). Enquanto modelos restaurativos buscam recuperar ou fortalecer funções cognitivas presumivelmente prejudicadas através de treino repetitivo, abordagens estratégicas e compensatórias aceitam as limitações funcionais e ensinam ao indivíduo maneiras alternativas de alcançar seus objetivos (CLARE; JONES, 2012:4–6). As estratégias compensatórias podem ser internas – desenvolvimento de técnicas mentais para contornar déficits – ou externas – uso de auxílios ambientais, dispositivos tecnológicos ou organização do ambiente para facilitar o funcionamento (CLARE; JONES, 2012:5–7). A premissa é pragmática: se restaurar uma função é improvável ou impossível, o foco volta-se

para maximizar a funcionalidade através de caminhos alternativos (WILSON; BAIRD, 2022:219–221). Essas abordagens ganham particular relevância em quadros de lesão cerebral crônica ou não reversível, onde as perspectivas de recuperação biológica são limitadas (WILSON, 2013:6–8). Nesse contexto, o objetivo não é “restaurar o cérebro normal”, mas sim “ampliar a vida funcional do sujeito real” (WILSON, 2013:7–9). Essa reorientação é especialmente importante para evitar o ciclo prejudicial de esperança frustrada que frequentemente acompanha tentativas infrutíferas de restauração em casos onde a recuperação biológica é improvável (BEN-YISHAY; PRIGATANO, 1990:15–17).

Perspectiva histórico-cultural na reabilitação

A incorporação da perspectiva histórico-cultural representa uma transformação conceitual profunda na reabilitação neuropsicológica (VYGOTSKY, 1998:95–97). Essa perspectiva, consolidada pela obra de Vygotsky, Leontiev e Luria, oferece um quadro teórico que situa a cognição não como uma propriedade isolada do indivíduo, mas como um fenômeno emergente na interface entre a pessoa, suas práticas culturais e os sistemas de signos e ferramentas que sua comunidade construiu ao longo do tempo (VYGOTSKY, 1998:102–104). Para Vygotsky, o desenvolvimento psicológico humano é fundamentalmente mediado por instrumentos culturais – a linguagem, a escrita, os sistemas numéricos, as narrativas compartilhadas (VYGOTSKY, 1998:106–108). A mente não se desenvolve através de processos biológicos puros, mas através da apropriação e internalização de formas culturais de pensamento (VYGOTSKY, 1998:110–112). Essa compreensão tem implicações radicais para a reabilitação neuropsicológica (OLIVEIRA, 2012:3–5). Uma lesão cerebral não é meramente um dano a estruturas neurais; é um rompimento nas relações histórico-culturais que constitui a pessoa (OLIVEIRA, 2012:5–7). Reabilitação, nessa perspectiva, significa reconstruir as mediações que permitem ao sujeito participar novamente das práticas culturais e relacionamentos que o definem (MORAES; SILVA, 2019:4–6). Luria, que trabalhou diretamente com essa herança teórica, desenvolveu uma abordagem neuropsicológica que encerra princípios profundamente compatíveis com uma prática reabilitativa histórico-cultural. Sua ênfase na análise qualitativa dos processos cognitivos permitia compreender não apenas o “o quê” de uma dificuldade cognitiva, mas o “como” e o “porquê” (AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:3–5).

Mediação, sentido e construção conjunta

A perspectiva histórico-cultural fundamenta-se no conceito de mediação (VYGOTSKY, 1998:113–115). Ao contrário de modelos que pressupõem uma relação direta entre estímulo e resposta, Vygotsky argumentava que a atividade cognitiva é sempre mediada por instrumentos ou signos culturais (VYGOTSKY, 1998:116–118). Para a reabilitação neuropsicológica, essa compreensão sugere que o trabalho reabilitativo não deve ser reduzido a exercícios mecânicos, mas à reconstrução colaborativa das

mediações que permitem ao sujeito agir (OWNWORTH et al., 2021:10–12). Um indivíduo com dificuldade de memória pode beneficiar-se da aprendizagem de práticas mediacionais – como manter agendas, criar rotinas externas ou desenvolver narrativas organizadoras da experiência (CLARE; JONES, 2012:6–8). Além disso, a perspectiva histórico-cultural enfatiza que a reabilitação deve ser um processo de construção conjunta (VYGOTSKY, 1998:120–122). Não é algo que um especialista “faz ao” sujeito, mas algo que se constrói “com” o sujeito (OWNWORTH et al., 2021:11–13).

Particularidades: crianças versus adultos

A reabilitação neuropsicológica em crianças e adolescentes apresenta desafios e oportunidades distintamente diferentes das intervenções em adultos (ANDERSON et al., 2019:3–5; SILVA; ALMEIDA, 2020:2–4). Em crianças, a lesão cerebral interfere não apenas em funções já consolidadas, mas em processos de desenvolvimento em curso (ANDERSON et al., 2019:4–6). A plasticidade cerebral infantil oferece potencial de recuperação significativamente maior que em adultos (ANDERSON et al., 2019:5–7). A perspectiva histórico-cultural é particularmente fecunda nesse contexto pediátrico (VYGOTSKY, 1998:130–132). Intervenções eficazes frequentemente incorporam a família e a escola como agentes ativos de mediação e suporte (SILVA; ALMEIDA, 2020:5–7). Em adultos, embora a plasticidade seja reduzida, outras oportunidades emergem (WILSON, 2013:8–10). A reabilitação em adultos pode enfatizar a restauração de papéis sociais e vocacionais (KAWASHIMA et al., 2020:7–9).

Generalização, funcionalidade e motivação

Um dos desafios mais prementes da reabilitação neuropsicológica contemporânea é compreender e viabilizar a generalização de ganhos reabilitativos para contextos funcionais reais (SIMONS et al., 2022:10–12). A pesquisa sobre ausência de transferência sugere que a generalização não ocorre automaticamente quando não há alinhamento entre tarefa, contexto e funcionalidade (SIMONS et al., 2022:11–13). A motivação emerge como fator crítico (OWNWORTH et al., 2021:12–14). Quando o indivíduo compreende como o treino conecta-se a objetivos significativos, a motivação intrínseca amplia-se substancialmente (TATE et al., 2014:6–8).

Síntese crítica

A evolução da reabilitação neuropsicológica reflete uma transformação paradigmática progressiva (WILSON; BAIRD, 2022:222–224). Os modelos tradicionais revelam limitações substantivas (SIMONS et al., 2022:12–14). A ausência de “far transfer” não é uma falha contingente; ela reflete um equívoco fundacional sobre a natureza da cognição reabilitada (SIMONS et al., 2022:13–15). Por seu turno, os modelos contemporâneos – particularmente aqueles que venham a integrar uma perspectiva histórico-

cultural – oferecem um quadro mais robusto e teoricamente coerente (VYGOTSKY, 1998:135–137; AKHUTINA; PYLAEVA, 2019:6–8). Contudo, essa transformação permanece incompleta na prática clínica (WILSON; BAIRD, 2022:224–226).

Conclusão

A presente pesquisa conclui que intervenções neuropsicológicas centradas no treino mecânico e descontextualizado de funções cognitivas isoladas tendem a produzir ganhos restritos às tarefas treinadas, com baixa generalização para o funcionamento cotidiano, ao passo que modelos orientados por metas, funcionalidade, estratégias compensatórias e princípios histórico-culturais oferecem um enquadramento mais consistente para favorecer transferência, engajamento e melhoria funcional. Quanto ao objetivo geral, foi alcançado, na medida em que a análise crítica dos fundamentos teóricos e metodológicos permitiu compreender por que a reabilitação centrada no sujeito — mediada, contextualizada e orientada por funcionalidade — apresenta maior potencial para promover transferência das aprendizagens da situação clínica para a vida real. Em relação aos objetivos específicos, o primeiro foi alcançado ao examinar as limitações dos modelos tradicionais e explicitar suas fragilidades quanto à generalização e funcionalidade. O segundo objetivo também foi alcançado ao analisar os princípios de mediação e de zona de desenvolvimento proximal e ao demonstrar suas implicações para uma prática reabilitadora construída com o sujeito e inserida em contextos reais. O terceiro objetivo foi alcançado ao identificar convergências e divergências entre a abordagem neuropsicológica de matriz luriana e os modelos holísticos contemporâneos, evidenciando pontos de complementaridade na compreensão sistêmica, qualitativa e integrada do funcionamento humano. O quarto objetivo foi alcançado ao discutir o papel da contextualização, da personalização e do engajamento do sujeito como condições que aumentam a relevância motivacional e favorecem a transferência. Por fim, o quinto objetivo foi alcançado ao propor diretrizes conceituais para articular a dimensão técnica do treino cognitivo com a dimensão existencial da recuperação funcional e da qualidade de vida, reposicionando a reabilitação como processo contínuo e significativo. O problema de pesquisa foi elucidado ao demonstrar que o uso exclusivo de materiais estruturados e treino mecânico de funções isoladas é, em geral, insuficiente para garantir generalização das aprendizagens e melhoria funcional consistente, sobretudo quando não há alinhamento entre a tarefa de treino, o contexto de aplicação e as metas reais do indivíduo. Assim, torna-se necessário construir pontes explícitas entre treino e funcionalidade, por meio de intervenções orientadas por metas, estratégias e mediações contextualizadas.

A hipótese inicial foi confirmada pelos resultados da análise teórica: intervenções fundamentadas na perspectiva histórico-cultural — ao privilegiarem mediação, construção conjunta de significados, contextualização e protagonismo do sujeito — mostram maior coerência teórica para sustentar a generalização e a melhoria funcional do que abordagens centradas apenas no treino mecânico e

descontextualizado. Essa confirmação decorre da compreensão de que a cognição se organiza de modo sistêmico e situado, de que a recuperação depende de participação ativa e de que a funcionalidade se constrói na relação entre pessoa, ambiente e instrumentos.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o fato de se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, o que impede inferências diretas sobre eficácia clínica comparativa em contextos reais de intervenção. Além disso, houve limitação relacionada à heterogeneidade dos estudos disponíveis, que variam quanto a populações, métodos, desfechos e definições de transferência, dificultando generalizações robustas. Também se identificou limitação na disponibilidade e na concentração de produções que articulem, de forma operacional, a perspectiva histórico-cultural com protocolos contemporâneos de reabilitação neuropsicológica, o que exigiu maior esforço interpretativo para integrar conceitos teóricos a implicações práticas. As fontes foram buscadas principalmente em bases acadêmicas digitais, periódicos especializados e repositórios científicos, o que, apesar de ampliar o acesso, pode restringir a inclusão de materiais não indexados e produções clínicas aplicadas que circulam fora desses canais.

Diante dessas limitações, recomenda-se que futuras pesquisas avancem em três direções principais: (1) estudos empíricos que comparem intervenções mecanicistas, estratégicas e holísticas com desfechos funcionais e ecológicos, avaliando transferência em cenários reais; (2) investigações que operacionalizem princípios histórico-culturais em programas de reabilitação, descrevendo procedimentos, critérios de personalização e formas de mediação aplicáveis a diferentes faixas etárias; e (3) estudos que explorem, de modo mais sistemático, o papel da motivação, do sentido atribuído às metas e da metacognição como mecanismos de mudança e generalização. Em síntese, o campo demanda não apenas refinamento conceitual, mas também estratégias de implementação e avaliação que aproximem, de forma mais consistente, o conhecimento teórico-empírico das práticas clínicas efetivamente realizadas.

Referências

AKHUTINA, Tatyana V.; PYLAEVA, Natalia M. **Luria's syndrome for neuropsychological rehabilitation of adolescents.** KnE Life Sciences, 2019. Disponível em: <https://knepublishing.com/index.php/KnE-Life/article/view/3340>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ANDERSON, Vicki et al. **Evidence-based systematic review of cognitive rehabilitation, emotional, and family treatment studies for children with acquired brain injury literature: From 2006 to 2017.** Neuropsychological Rehabilitation, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09602011.2019.1678490>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BEN-YISHAY, Yehuda; PRIGATANO, George P. **Neuropsychological rehabilitation: The origins of contemporary practice.** *The Journal of Head Trauma Rehabilitation*, v. 39, n. 3, 1990.

Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/hbfr/39/3/39_273/_article. Acesso em: 13 dez. 2025.

CLARE, Linda; JONES, Rebecca S. P. Errorless learning in cognitive rehabilitation: **A critical review.** *Neuropsychological Rehabilitation*, 2012. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3381647/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

COSTA, Juliana; PEREIRA, Silvia. **Educação, aprendizagem e desenvolvimento: a dialética vygotskiana na formação do sujeito.** Revista DCS, 2018. Disponível em: <https://ojs.revistadcs.com/index.php/revista/article/view/3481>. Acesso em: 11 dez. 2025.

GOMES, Ricardo; SANTOS, Maria. **Alterações neuropsicológicas da esquizofrenia e perspectivas de reabilitação.** *Salusvita*, 2018. Disponível em: <https://172.30.16.17/index.php/salusvita/article/view/726>. Acesso em: 13 dez. 2025.

JOHANSSON, Birgitta; BERGLUND, Petra. **Daily management of attention dysfunction two–four years after brain injury and early cognitive rehabilitation with attention process training:** a qualitative study. *Neuropsychological Rehabilitation*, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09602011.2018.1482770>. Acesso em: 15 jan. 2026.

KAWASHIMA, Reiko et al. In search of the ‘self’: **Holistic rehabilitation in restoring cognition and recovering the ‘self’ following traumatic brain injury:** A case report. *Neuropsychological Rehabilitation*, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7613148/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

KRYLOV, Viktor et al. Luria revisited: **cognitive research in schizophrenia, past implications and future challenges.** *Frontiers in Psychology*, 2015. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4351688/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, Irani Novah; SILVA, Maria. **Uso do gênero textual no desenvolvimento das funções psicológicas superiores na educação infantil.** Revista Delos, 2019. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/3542>. Acesso em: 13 dez. 2025.

OLIVEIRA, Maria. **Uma vida por trás da teoria histórico-cultural.** Revista Histedbr, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8673785>. Acesso

em: 11 dez. 2025.

OWNWORTH, Tamara et al. **Client experiences with holistic neuropsychological rehabilitation: “It is an ongoing process”**. *Neuropsychological Rehabilitation*, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09602011.2021.1976222>. Acesso em: 11 dez. 2025.

RODRIGUES, Ana; FERREIRA, Luís. **Eficácia da reabilitação neurocognitiva na melhoria e manutenção das atividades de vida diária em pacientes com doença de Alzheimer: uma revisão sistemática da literatura**. *Acta Fisiátrica*, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/225066>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SILVA, Ana; ALMEIDA, Bruno. **Intervenção neuropsicológica com crianças e adolescentes: uma revisão da literatura**. *Psicologia: Saúde e Educação*, 2020. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/811>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SIMONS, Daniel J. et al. **Why don’t cognitive training programs transfer to real life? Three possible explanations and recommendations for future research**. *Psychological Science in the Public Interest*, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9262342/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

TAL, Rina; KAPLAN, Shira. **Metacognitive rehabilitation in the elderly: the Mind the Gap metacognitive program**. *Mental Health in Rehabilitation Journal*, 2019. Disponível em: <https://medwinpublishers.com/MHRIJ/metacognitive-rehabilitation-in-the-elderly-the-mind-the-gap-metacognitive-program.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

TATE, Robyn et al. **Goal planning rather than neuropsychological tests should be used to structure and evaluate cognitive rehabilitation**. *Journal of the International Neuropsychological Society*, 2014. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S1443964600000462/type/journal_article. Acesso em: 13 dez. 2025.

VINOGRADOV, Sophia; FISHER, Michael. **Cognitive training for impaired neural systems in neuropsychiatric illness**. *Neuropsychopharmacology*, 2011. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3238091/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILSON, Barbara A. **Neuropsychological rehabilitation for people with non-progressive**

brain damage. Oxford Research Encyclopedia of Psychology, 2013. Disponível em: <https://oxfordre.com/psychology/view/10.1093/acrefore/9780190236557.001.0001/acrefore-9780190236557-e-720>. Acesso em: 10 dez. 2025.

WILSON, Barbara A.; BAIRD, Anne. **Memory rehabilitation: restorative, specific knowledge acquisition, compensatory, and holistic approaches.** Cognitive Neuropsychiatry, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/10.1007/s10339-022-01099-w>. Acesso em: 10 dez. 2025.

WU, Yu et al. **The efficacy of cognitive training on neuropsychological outcomes in mild cognitive impairment: a meta-analysis.** Brain Sciences, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3425/13/11/1510>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ZHANG, Li et al. **Effectiveness of computerized cognitive training in delaying cognitive function decline in people with mild cognitive impairment: systematic review and meta-analysis.** Journal of Medical Internet Research, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9650579/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

ZAKHAROVA, Elena. Луриевская нейропсихология сегодня. **Psikhologicheskije Issledovaniya**, 2020. Disponível em: <https://psystudy.ru/num/article/view/1960>. Acesso em: 10 dez. 2025.